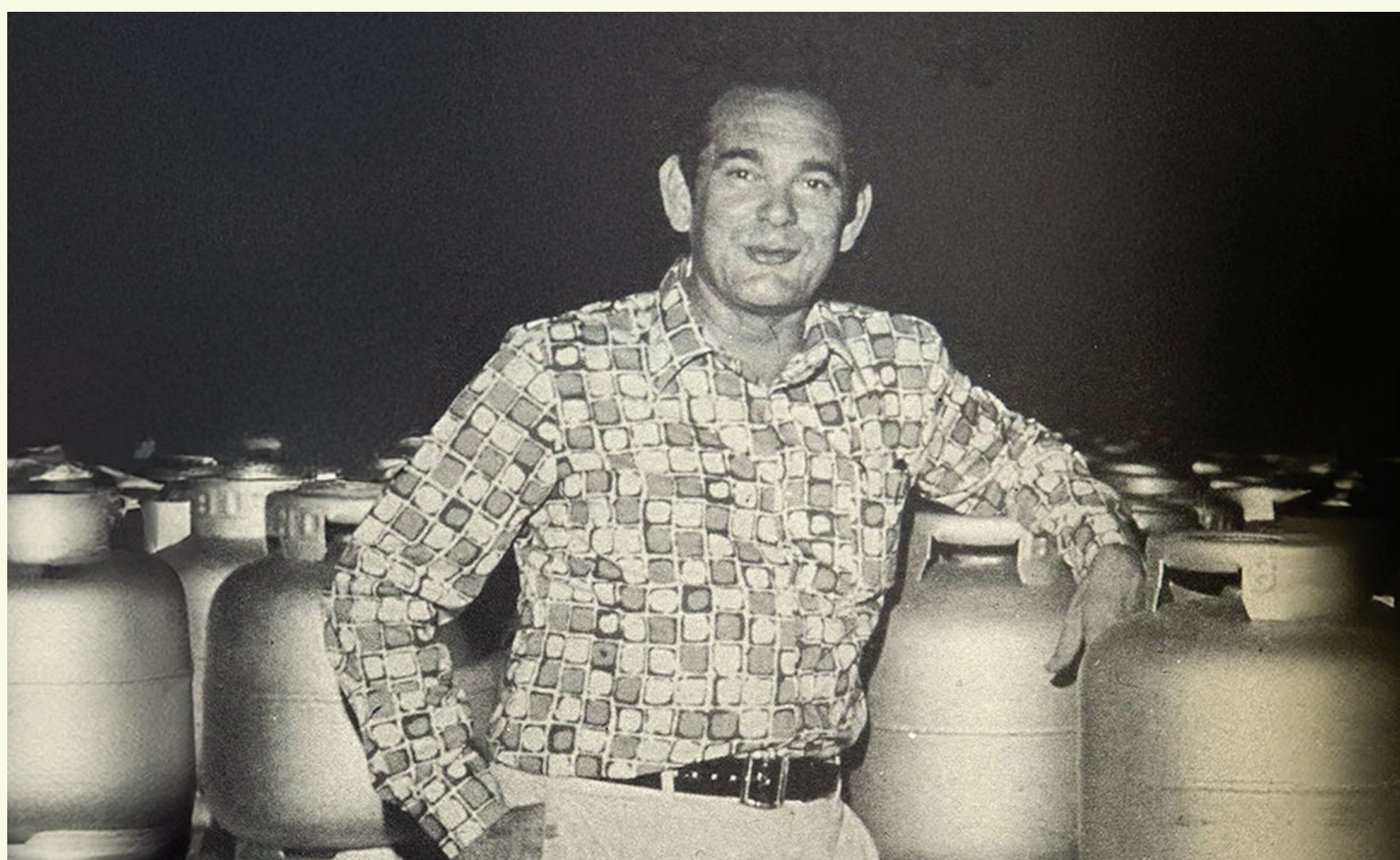




O COMANDANTE EDSON

Edson Queiroz marcou com sua presença exuberante a história contemporânea do Ceará.

Até que se destacasse como grande empresário, a maioria dos homens de negócios de nossa terra seguia um certo modelo de ação, comedida, receosa, continuadora. Poucos queriam se afoitar em grandes empreendimentos.

Edson chegou nas asas da ousadia.

Otimista e cheio de energia, sonhava grande, se atirava. Nunca foi, entretanto, um piloto de voo cego, irresponsável: investia corajosamente, mas com segurança e conhecimento de causa.

Antes de empreender qualquer novo negócio estudava profundamente o terreno em que ia pisar. Lia tudo a respeito, auscultando o setor, ouvindo experiências, pesando os riscos, ponderando resultados. Depois deste processo de conhecimento, assenhoreado de todas as informações, entrava de cabeça com alma e coração.

Airmatéia Santos afirma que quando Edson punha na cabeça um novo projeto, estudava-o com tanto afincado e nele se aprofundava com tal veemência que poderia depois dar conferências até para os especialistas do assunto.

Assim aconteceu com as loterias, com o Abrigo Central, com o gás, com a metalúrgica, com a companhia de navegação, com o rádio, o caju, a televisão, a pecuária, a universidade, a água e o jornal.

Um homem simples que se tornou incomum pelo que foi capaz de realizar num espaço de tempo relativamente curto. Mal ultrapassara os vinte anos e já era uma referência de sucesso empresarial numa terra de poucos recursos e muitas adversidades.

Sua personalidade era definida na ação cotidiana, calorosa, frenética. Trabalhava como um mouro e queria mais, como se o mundo inteiro estivesse incompleto e precisasse ser concluído.

Mas do lado de dentro desta máquina batia um coração de menino. Do menino de Cascavel, solidário, bucólico, interiorano.

Fiel aos compromissos de seu sentimento fez amigos eternos na juventude e assumiu promessas firmadas num tempo em que o futuro era apenas uma névoa azul no horizonte. Como aquela, feita com dois colegas de diversão, na adolescência: "Somos três amigos e vamos vencer na vida. Mas, se o destino, por acaso, for duro com algum de nós, se qualquer um dos três viver uma situação difícil, caberá aos outros dois a obrigação de ajudá-lo". Esse pacto de mesa boêmia firmado entre Edson Queiroz, José Alcy Siqueira e Constâncio Atayde seria fielmente honrado pela vida afora. Zé Alcy virou um grande incorporador imobiliário, mas deu saltos inconsequentes e enfrentou sérios problemas. Constâncio formou-se em odontologia, mas nunca abandonou a boemia ilimitada e seguiu pelo mundo como eterno adolescente. Ambos, porém, em cada descida, tiveram a ampará-los a mão samaritana do companheiro Edson.

Homem de espírito, sentimental, arrebentado em seu lirismo, foi brindado pela sorte com o amor de Yolanda. Desde que a conheceu na praça da igreja do Carmo, naquele 28 de fevereiro de 1945, ganhou, não só a pessoa perfeita para gerenciar o seu afeto e ser a eterna namorada, mas também aliada definitiva de seus sonhos de ousadia, o manancial onde sempre foi buscar a força telúrica necessária para prosseguir. E ele confessava: "A presença de Yolanda em meus dias constituiu uma fonte perene de energia e inspiração."

Vestia-se conforme o rito. Quando assumia a distribuição do gás, as coisas se apertaram de tal modo que teve de vender seu automóvel. Não se queixou. Passou a andar na camioneta da empresa e nesse carro de serviço ia com Yolanda ao cinema. Ela compreendia.

Quem teve o privilégio de conhecer Edson Queiroz na intimidade guarda dele lembranças magníficas. Fora do ambiente de trabalho, com os amigos num convescote ou numa festa familiar, transmutava-se num boêmio descontraído e serelepe. Servia pessoalmente a primeira dose de uísque aos companheiros e passava a contar histórias pitorescas que soubera ou que testemunhara. Em determinada altura assumia o microfone e cantava com vibração peças de cancionero popular. Preferia os sambas, e os do repertório de Luís Américo eram os mais repetidos. Mas tinha uma música que marcava esses encontros. Tratado carinhosamente de "Comandante Edson" pelos amigos, familiares e funcionários, parecia desdenhar da aclamação cantando o velho samba de Herivelto Martins e Waldemar Assunção, gravado por Francisco Alves em 1944:

"QUE REI SOU EU

*Que rei sou eu
Sem reinado e sem coroa
Sem castelo e sem rainha...
Afinal, que rei sou eu?
O meu reinado
É pequeno e é restrito
Só mando no meu distrito
Porque o rei de lá morreu.*

*Não tenho criados de librés
Carruagem nem mordomo
Ninguém beija os meus pés;
Meu sangue azul
Nada tem de realeza
O samba é minha nobreza.
Afinal, que rei sou eu?"*

Edson Queiroz passou rápido pela vida, mas a fez intensamente frutificadora. Não esperou, das margens plácidas, o desfile dos outros. Nunca quis o pouco ou o de menos. Não destilou mediocridades. Entrou de peito aberto na estrada dos cometimentos, mineralizando filosofias e concretizando hipóteses.

Mão de semeador, plantou máquinas no árido chão de sua terra, gerando empregos e divisas, impostos para o erário, sustento, conforto e, certamente, orgulho e afirmação para o Ceará.

Braço trabalhador, dinâmico, inquieto, revolveu a terra, transformou o ferro, acendeu uma chama em cada lar. Levou aos conterrâneos o som, a imagem, o leite, a escola, a sombra e a água pura... Tornou-se ubíquo, geral, misturando-se às coisas do dia e da noite, amalgamando-se aos fatores múltiplos da vida.

Por isso permanece.